

War Requiem

**Orquestra Sinfónica
Portuguesa
Coro do Teatro Nacional
de São Carlos
Graeme Jenkins**



04 MAIO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Jubileu 75º anos de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musical Center of Lisbon, for Santa Casa

MECENAS
CICLO PIANO


pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



War Requiem

4 MAIO
SEXTA

21:00 — Grande Auditório

Orquestra Sinfónica Portuguesa Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Graeme Jenkins Maestro

Rachel Nicholls Soprano

David Butt Philip Tenor

Roderick Williams Barítono

Coro Juvenil do Instituto Gregoriano de Lisboa

Filipa Palhares Maestrina

Benjamin Britten

War Requiem, op. 66

Requiem aeternam

Dies irae

Offertorium

Sanctus

Agnus Dei

Libera me

Duração total prevista: c. 1h 30 min.

Concerto sem intervalo

Este concerto é gravado pela RTP - Antena 2



Benjamin Britten

Lowestoft, 22 de novembro de 1913

Aldeburgh, 4 de dezembro de 1976

War Requiem, op. 66

COMPOSIÇÃO: 1961-62

ESTREIA: Coventry, 30 de maio de 1962

DURAÇÃO: c. 1h 30 min.



"All a poet can do today is warn. That is why the true Poets must be truthful."

Wilfred Owen (1918)

A poesia de Wilfred Owen (Shropshire, Inglaterra, 18 de março de 1893 – França, Batalha de Sambre, 4 de novembro de 1918), cuja temática se centra sobretudo no conflito bélico de 1914-1918, marcou profundamente e desde cedo o compositor inglês Benjamin Britten. Nacionalista convicto, Wilfred Owen alistara-se na Primeira Guerra Mundial na crença, generalizada entre tantos, de que este conflito era imperativo e de que não duraria muito. Juntando-se à frente de batalha em 1916, o horror das trincheiras faria com que questionasse toda a sua perspetiva. Já condecorado com a Cruz Militar, acabaria por morrer no campo de batalha, apenas uma semana antes do armistício, deixando um legado poético crítico e incisivo onde lê os soldados mais como vítimas do que como inimigos, e onde configura a visão de nações irmãs e cristãs em guerra entre si como uma demonstração do absurdo.

O *War Requiem*, op. 66, é a obra coral que muitos consideram ser a mais relevante da carreira de Benjamin Britten. O compositor havia já recebido, em 1958, um convite e encomenda

para assinalar a inauguração do novo edifício da Catedral de St Michael, em Coventry, concebido pelo arquiteto Basil Spence com características arquitetónicas modernistas, e acoplado, num gesto memorial, a uma das paredes remanescentes dos escombros da fachada da anterior catedral, datada do século XIV e violentamente destruída num bombardeamento nazi em novembro de 1940. Esta justaposição de devastação e reconciliação, de passado, presente e futuro, seria uma importante influência para Britten na conceção da estrutura do seu *Requiem*, cuja estreia viria a ter lugar a 30 de maio de 1962. Na verdade, cerca de vinte anos depois da sua orquestral *Sinfonia da Requiem* (1940), a guerra havia cessado, mas a devastação e a dor da Europa estava ainda física e humanamente latente. Mais a mais, com a recente Guerra da Coreia, a Guerra do Vietname, o incidente da Baía dos Porcos, o erigir do Muro de Berlim, o tema bélico afigurava-se mais urgente que nunca. *War Requiem* é, contudo, o testemunho de uma convicção profundamente pacifista, de desprezo pelo preço humano a pagar pela guerra: objetor de consciência, Britten encontrava-se nos Estados Unidos aquando da eclosão da Segunda Guerra Mundial, regressando a Inglaterra apenas em 1942. Uma visita ao campo de concentração alemão

de Bergen-Belsen, já no pós-guerra, foi uma experiência relatada como lancinante para o compositor.

A obra combina a estrutura base de uma missa latina *pro defunctis* com um ciclo de canções baseadas em nove poemas de Wilfred Owen, procurando, assim, explorar musicalmente o sentimento da perda tanto de um ponto de vista formal, ritual e religioso, como de um modo íntimo, privado e secular. O acréscimo de comentários vernaculares ao texto latino, em jeito de *tropo* medievalista, é um recurso engenhoso. O propósito final é de conciliação entre estes dois universos, numa esperança de unidade ecuménica, mas plena de subtilezas, contrastes e dúvidas.

Organizado em três planos distintos, mas articulados entre si, este *Requiem* evidencia a já referida tensão entre sacro e secular: os textos latinos, sob acompanhamento orquestral, são interpretados, na sua maioria pelo coro, em representação de todo o pesar da comunidade, e pelo soprano solista, símbolo do sofrimento e do pesar individual; o coro de vozes brancas, acompanhado pelo órgão, imprime um tom diáfano e transcendente; e, finalmente, num perturbador contraste com o angelical coro infantil, o tenor e o barítono, com o acompanhamento de uma orquestra de câmara, interpretam os poemas de Wilfred Owen em representação dos soldados nas trincheiras e do seu confronto diário com a morte, dos seus conflitos e dúvidas pessoais sobre a falta de sentido da vida, do seu abandono espiritual. Britten compôs as três partes solistas especificamente para o tenor inglês e seu companheiro Peter Pears, para Dietrich Fischer-Dieskau, barítono alemão, e para o soprano Galina Vishnevskaya, de nacionalidade russa. No auge da Guerra Fria, Vishnevskaya não obteve, contudo, permissão para deixar a União Soviética e seria o soprano Heather Harper a desempenhar memoravelmente o seu papel, gorando não obstante, de alguma forma, o simbolismo de união entre nações pretendido

por Britten na conceção da obra.

War Requiem desenrola-se ao longo de seis andamentos onde o uso sistemático de trítonos sem resolução, a justaposição de planos distintos, onomatopeias musicais, alusões a marchas militares e fanfarras e repetições temáticas são alguns dos dispositivos usados pelo compositor. O *Requiem aeternam* inicial, em que o trítono Dó-Fá suspenso no carrilhão assombra o coro infantil, que simboliza as preces de Paz que antecedem o poema de Owen *Anthem for Doomed Youth*, antecede o *Dies irae* acompanhado de textos abertamente bélicos na voz do barítono e que conduzem ao pranto de uma *Lacrimosa* protagonizada pelo coro e pelo soprano. O poema *The Parable of the Old Man and the Young*, na sequência do *Offertorium*, que constitui o terceiro andamento, narra a história de Abraão e Isaac, com a perversidade de que, ao contrário da narrativa bíblica, nenhum filho será poupado ao sacrifício imposto por Deus. No quarto andamento, *Sanctus*, a ênfase recai de novo sobre o constrangedor trítono Dó-Fá suspenso e o som dos sinos sublinha o registo cerimonial e a paz possível em templos longínquos. O envolvente *Benedictus* fica a cargo do soprano e do coro. O poema *At a Calvary Near the Ancre*, associado ao *Agnus Dei* latino, que constitui o quinto andamento, revela-se como uma prece em que o tenor repete um “*dona nobis pacem*” de perdão. Vibrafone, glockenspiel, crócalos, sinos tubulares e piano acompanham as secções corais. O último andamento, *Libera me*, tem início num tom de lamento fúnebre, mas prossegue em *diminuendo*, para o poema *Strange Meeting*, de Owen, interpretado pelo tenor e pelo barítono, um encontro piedoso entre dois soldados mortos, de diferentes lados da barricada, que culmina no verso “let us sleep now” (“deixai-nos dormir”). Com as orquestras, o coro, o soprano e o angélico coro infantil entoando “in paradisum”, retorna também o perturbador trítono, subsistindo o *Amen* final quase como uma questão de impossível resolução.

Graeme Jenkins

Maestro



GRAEME JENKINS © KAREN ALMOND

Rachel Nicholls

Soprano



RACHEL NICHOLLS © DAVID SHOUKRY

Graeme Jenkins estudou na Universidade de Cambridge. Foi Diretor Musical da Glyndebourne Touring Company (1986-91) e Diretor Musical da Ópera de Dallas (1994-2013). Foi também Maestro Principal da Ópera de Colônia (1997-2002). Ao longo da presente temporada dirigiu as óperas *Katya Kabanová*, de Janáček, *Un ballo in maschera* e *Otello*, de Verdi, na Ópera de Viena. Na temporada 2016-2017 dirigiu *Peter Grimes*, de Britten, no Teatro Nacional de São Carlos, e *Tristão e Isolda*, de Wagner, no Centro Cultural de Belém. No Reino Unido trabalhou para a Royal Opera House, a English National Opera, a Scottish Opera, a Opera North e Glyndebourne, onde iniciou a sua carreira como assistente de Bernard Haitink e Simon Rattle. Colaborou também com a Ópera de Genebra, a Ópera Holandesa, a Ópera de Paris, a Ópera Real da Dinamarca, a Ópera de Berlim e o Theater an der Wien. Na América do Norte trabalhou para a Ópera de St Louis e para a Companhia de Ópera do Canadá, entre outras. Estreou-se na Ópera de Sidney, na Austrália, com *La bohème*, de Puccini, tendo regressado para dirigir *Os mestres cantores de Nuremberga*, de Wagner, *O Cavaleiro da Rosa*, de R. Strauss, e *Madama Butterfly*, de Puccini. Na Ásia dirigiu *As bodas de Figaro*, de Mozart, para o Festival de Hong-Kong, e *Otello*, em Seul. Dirige também regularmente as grandes obras orquestrais e corais e é aclamado pelas suas interpretações de Mozart, R. Strauss e Britten.

Elogiada pela crítica pela sua voz “magnífica, flexível e potente” (*The Observer*), Rachel Nicholls é reconhecida como um dos sopranos dramáticos mais apelativos da sua geração. Nascida em Bedford, Inglaterra, foi-lhe atribuída, em 2013, uma bolsa da Opera Foundation para estudar com Dame Edith Evans. Compromissos recentes e futuros incluem: o papel de Isolda no Théâtre des Champs-Élysées (Paris), na Ópera de Estugarda, no Teatro dell’Opera de Roma e no Teatro Regio de Turim; o papel principal em *Elektra* no Teatro de Basileia; Brünnhilde, numa versão de concerto de *Siegfried* dirigida por Mark Elder; *Fidelio* na Ópera Nacional da Lituânia; Guinever, em *Gawain*, de Harrison Birtwistle, com a Orquestra Sinfónica da BBC; Lady Macbeth, em *Macbeth* de Verdi, com a Badisches Staatstheater Karlsruhe; e Eva, em *Os mestres cantores de Nuremberga* de Wagner, na English National Opera e no Badisches Staatstheater Karlsruhe. Ao longo da sua carreira, colaborou com muitas das principais orquestras do Reino Unido, incluindo a Filarmónica de Londres, a Royal Scottish National Orchestra, a Royal Philharmonic Orchestra, ou a Filarmónica da BBC. Outros destaques da carreira de Rachel Nicholls incluem a estreia mundial de *The Crimson Bird*, de Nicola Lefanu, os *Wesendonck-Lieder*, no Festival de Saint Endellion, bem como o *Requiem* de Verdi no, Cadogan Hall, em Londres.

David Butt Philip

Tenor



Roderick Williams

Barítono



De nacionalidade inglesa, David Butt Philip foi membro do *Jette Parker Young Artists Programme* da Royal Opera House. Entre as suas estreias mais recentes destacam-se os seguintes papéis: Erik, em *O Navio Fantasma* de Wagner; Froh, em *O Ouro do Reno* de Wagner; e Grigory, em *Boris Godunov* de Mussorgsky. Estas atuações estabeleceram-no como um dos mais vibrantes tenores ingleses da atualidade. A presente temporada inclui a sua estreia no Teatro Real, em Madrid, em *Roberto Devereux* de Donizetti, o papel de Earl of Essex, numa nova produção de *Gloriana* de Britten, encenada por David McVicar, e o papel principal em *Hamlet*, de Brett Dean, numa digressão do Festival de Ópera de Glyndebourne. Outros papéis de destaque incluem Folco, em *Isabeau* de Mascagni, na Opera Holland Park, e Narraboth, em *Salome* de R. Strauss, na Royal Opera House. A sua agenda de concertos inclui *The Dream of Gerontius*, de Elgar, com a Hallé Orchestra, sob a direção de Mark Elder, o *Requiem* de Verdi, com a Royal Liverpool Philharmonic, o *War Requiem* de Britten, com a Opéra Orchestre National Montpellier, *From Melodius Lay*, de Brett Dean, com Vladimir Jurowski e a Sinfónica da Rádio de Berlim, e a Cantata op. 30 de Sergei Prokofiev, com a Philharmonia Orchestra, dirigida por Vladimir Ashkenazy. Estreia-se também como Fausto, em *A Danação de Fausto* de Berlioz, num concerto com a Orquestra da Opera North.

O barítono britânico Roderick Williams interpreta um vasto repertório de ópera e de concerto, o qual se estende do Barroco até à música contemporânea. Atuou nos principais palcos do Reino Unido e estreou óperas de David Sawer, Sally Beamish, Michel van der Aa, Robert Saxton e Alexander Knaifel. Os seus compromissos recentes incluem os papéis principais em *Eugene Onegin*, de Tchaikovsky, para a Garsington Opera, e em *Billy Budd*, de Britten, para a Opera North, Papageno (*A flauta mágica*) para a Royal Opera House, bem como colaborações com a Dallas Opera e a English National Opera. Apresenta-se regularmente com as orquestras da BBC e com as mais prestigiadas orquestras inglesas. Outras colaborações incluem a Filarmónica de Berlim, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmónica da Radio France, a Accademia Nazionale di Santa Cecilia (Roma), a Filarmónica de Nova Iorque e a Bach Collegium Japan, entre muitas outras orquestras. Roderick Williams é também compositor. Estreou obras suas no Wigmore Hall, no Barbican Centre e no Purcell Room. Em dezembro de 2016 venceu o prémio de melhor composição coral nos *British Composer Awards*. Iniciou em 2015 um projeto de três anos dedicado aos ciclos de canções de Schubert, que culmina na presente temporada no Wigmore Hall. Foi Diretor Artístico da Leeds Lieder em 2016 e venceu o *Royal Philharmonic Society Singer of the Year 2016*. Em 2017 foi agraciado com a *Order of the British Empire*.

Filipa Palhares

Maestrina

FILIPA PALHARES © DR



Coro Juvenil do IGL



CORO JUVENIL DO INSTITUTO GREGORIANO © DR

Filipa Palhares iniciou os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa. Ingressou depois na Escola Superior de Música de Lisboa, onde obteve a licenciatura em Direção Coral e o grau de Mestre em Direção Coral, tendo estudado com Christopher Bochmann, Sibertin-Blanc, Vasco Azevedo e Paulo Lourenço, entre outros. Frequentou cursos de direção coral com Bernard Tétu, Herbert Breuer e José António Sainz Alfaro. Nos cursos de Música Barroca da Casa de Mateus estudou com Max von Egmond, Marius Altena e Jacques Ogg. Frequentou o curso de aperfeiçoamento artístico em direção coral no Real Conservatório Superior de Música de Madrid. Desde 2006 leciona no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde tem a seu cargo os coros infantil e juvenil. Com estes coros, obteve a medalha de ouro nas cinco edições do Festival Coral de Verão de Lisboa e o 1.º prémio no Certamen Juvenil de Habaneras de Torrevieja, em Espanha, sendo alvo das melhores críticas. Dirigiu o Orfeão da Covilhã, o Grupo Coral de Lagos e o Grupo Coral Encontro. Fundou e dirigiu o Coro do Tejo, e, em 2014, dirigiu o coro do festival de música “Terras sem Sombra”. Dirige presentemente o Grupo Coral Loureiros. No domínio da ópera, tem colaborado como coralista e maestrina de coro em diversas produções. Gravou em 2016 o CD “Mesmo que faça frio” com obras do compositor Nuno da Rocha, para coro de vozes brancas, piano e orquestra.

O Coro Juvenil do Instituto Gregoriano de Lisboa (IGL) foi criado em 2014, por Filipa Palhares, com o objetivo de permitir aos alunos desta escola uma prática avançada do repertório coral para vozes iguais. Em abril de 2015 ganhou o 1.º prémio no Certamen Juvenil Internacional de Habaneras, em Espanha, tendo sido alvo das melhores críticas por parte do júri. Em junho recebeu uma medalha de ouro no 4.º Festival Coral de Verão de Lisboa. A convite da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, apresentou-se no concerto inaugural após o restauro da Igreja da Conceição-Velha, em Lisboa. Em 2016 participou: no Festival de Música da Cidade de Almada e na ópera *Onehama*, de João Ripper, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos, inserida no Festival “Terras sem Sombra”, em Serpa; na 28.ª Temporada de Música em São Roque, num programa totalmente dedicado aos compositores portugueses contemporâneos; e no ciclo de concertos “Natal em Lisboa” organizados pela EGEAC. Ganhou uma medalha de ouro no 5.º Festival Coral de Verão de Lisboa. Em 2017 realizou um concerto na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em conjunto com a Escolania de Montserrat, nas comemorações do centenário das aparições de Fátima, bem como no Festival Música na Fábrica, em Lisboa. Uma vez mais, obteve a medalha de ouro no Festival Coros de Verão. Lançou no fim do ano passado o CD “Mesmo que faça frio” com obras do compositor Nuno da Rocha, em conjunto com o Coro Infantil do IGL.



CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS © DR

Criado em 1943, sob a direção de Mario Pellegrini, o Coro do Teatro Nacional de São Carlos cumpre uma fase intensiva de assimilação do grande repertório operístico e de oratória. Entre 1962 e 1975, colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera, sediada no Teatro da Trindade, deslocando-se com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo (1965), a convite do Teatro Campoamor, e obtendo o Prémio de Música Clássica conferido pela Casa da Imprensa. Participou em estreias mundiais de autores portugueses, como Fernando Lopes-Graça (*D. Duardos* e *Flérida*) e António Victorino d'Almeida (*Canto da Ocidental Praia*). Em 1980 foi criado um primeiro núcleo coral a tempo inteiro, sendo a profissionalização do Coro consumada em 1983, sob a direção de Antonio Brainovitch.

A afirmação artística do conjunto é creditada a Gianni Beltrami, a partir de 1985. João Paulo Santos sucedeu-lhe e sob a sua responsabilidade registam-se vários êxitos: *Mefistofele*, *Blimunda*, *Divara*, *Le rossignol*, *Eugene Onegin*, *Les Troyens*, *Tannhäuser* e *Le grand macabre*, entre muitos outros. Em 1991 deslocou-se a Bruxelas com o *Requiem* de Verdi. O Coro tem atuado sob a direção de maestros como Votto, Serafin, Gui, Giulini, Fabritiis, Klemperer, Molinari-Pradelli, Ghione, Erede, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Bartoletti, Bonyngue, Navarro, Rennert, Burgos, Ferraris, Conlon, Christophers, Plasson, entre outros, e também de maestros portugueses, como Pedro de Freitas Branco. Atualmente é dirigido por Giovanni Andreoli.

Orquestra Sinfónica Portuguesa



ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA © ALFREDO ROCHA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos. Tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora com a RTP através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, com destaque para a tetralogia *O Anel do Nibelungo* e *Dialogues des Carmélites*, a participação no Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, no Prémio Jovens Músicos-RDP e na Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. Tem-se apresentado sob a direção de maestros como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian,

Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze e Jeffrey Tate, entre outros. A discografia da Orquestra Sinfónica Portuguesa conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, as quais gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Atualmente, a direção musical está a cargo de Joana Carneiro.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Giovanni Andreoli Maestro Titular

Kodo Yamagishi Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Serro
Ana Sofia Franco
Angélica Neto
Carmen Matos
Carolina Raposo
Filipa Lopes
Glória Saraiva
Isabel Biu
Isabel Silva Pereira
Maria Anjo Albuquerque
Maria Luísa Brandão
Patrícia Ribeiro
Raquel Alão
Rita Paiva Raposo
Sandra Lourenço Santos
Sónia Alcobaça

MEIOS-SOPRANOS

Ana Cristina Carqueijeiro
Ana Ferro
Ana Neto Silveira
Ana Rita Cunha
Ana Seródio
Ângela Roque
Antónia Ferraz de Andrade
Conceição de Sousa
Inês Medeiros
Isabel Assis Pacheco
Luísa Tavares
Leila Moreso
Madalena Paiva Boléo
Manuela Teves
Natália Brito
Naty Arleo
Susana Moody

TENORES

Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Carlos Silva
Dioleciano Pereira
Francisco Lobão
João Cipriano
João Monteiro Rodrigues
João Queiroz
João Rodrigues
Luís Castanheira
Mário Silva
Nuno Cardoso
Rui Pedro Antunes
Victor Carvalho

BAIXOS

Alexandr Jerebtsov
António Louzeiro
Carlos Homem
Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos
Eduardo Viana
Enrico Caporiondo
Frederico Santiago
João Miranda
João Oliveira
João Rosa
Leandro Silva
Nuno Dias
Osvaldo Sousa
Simeon Dimitrov

Coro Juvenil do IGL

Filipa Palhares Maestrina

Alice Antunes
Alice Custódio
Ana Paula Condesso
Ana Varela
Bárbara Santos
Beatriz Brito
Beatriz Galvão
Beatriz Pereira
Eva Cabrita
Filipa Augusto
Filipa Lino
Francisca Andrade
Joana Condesso
Joana Silvano
Luísa Fraga
Madalena Martins
Madalena Massano
Maria Inês Sousa
Maria Lima
Mariana Custódio
Marta Carrigy
Matilde Lopes
Pilar Líbano Monteiro
Raquel Fung
Rita Gomes
Rita Gonçalves
Rita Miranda
Rita Pinheiro
Teresa Reis

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Joana Carneiro Maestrina Titular

VIOLINOS I

Alexander Stewart
Veliana Yordanova
Leonid Bykov
Laurentiu Ivan-Coca
Luís Santos
Hasmike Duarte
António Figueiredo
Regina Stewart
Anabela Guerreiro
Ewa Michalska
Alexander Mladenov
Jorge Gonçalves
Iskrena Yordanova
Nicholas Cooke

VIOLINOS II

Klara Erdei
Rui Guerreiro
Witold Dziuba
Katarina Majewska
Kamélia Dimitrova
Tatiana Gaivoronskaia
Sónia Carvalho
Lurdes Miranda
Aurora Varonova
Slawomir Sadlowski
Inna Rechetnikova
Filomena Sousa

VIOLAS

Ceciliu Isfan
Cecile Pays
Vladimir Demirev
Ventsislav Grigorov

Cecília Neves
Roxanne Dykstra
Galina Savova
Sandra Moura
Etelka Dudás
Francisca Fins *

VIOLONCELOS

Hilary Alper
Carolina Matos
Ajda Zupancic
Luís Clode
Emídio Coutinho
Gueorgui Dimitrov
Diana Savova
Pedro Massarrão *

CONTRABAIXOS

Pétio Kalomenski
Adriano Aguiar
Duncan Fox
Anita Hinkova
Svetlin Chichkov
João Diogo Duarte

FLAUTAS

Anabela Malarranha
Anthony Pringsheim + Piccolo
João Vidinha + Piccolo *

OBOÉS

Ricardo Lopes
Elizabeth Kicks
Luis Marques Corne inglês

CLARINETES

Joaquim Ribeiro
Jorge Trindade + Clarinete em mi bemol
Cândida Oliveira + Clarinete baixo

FAGOTES

Carolino Carreira
Piotr Pajak Contrafagote
Bertrand Raoulx *

TROMPAS

Paulo Guerreiro
Augusto Rodrigues
Laurent Rossi
Carlos Rosado
Tracy Nabais
Cláudia Gonçalves *

TROMPETES

Jorge Almeida
Latchezar Goulev
Antonio Quitalo
Pedro Monteiro

TROMBONES

Hugo Assunção
Vítor Faria
Joaquim Rocha Trombone baixo

TUBA

Ilídio Massacote

TÍMPANOS / PERCUSSÃO

Richard Buckley

ÓRGÃO POSITIVO / HARMÓNIO

Sérgio Silva *

PIANO

Joana David

PERCUSSÃO

Pedro Araújo e Silva

Lídio Correia

Andreu Esteve *

Cristiano Rios *

Francisco Sequeira *

Rodrigo Azevedo *

Orquestra de Câmara

VIOLINO I

Pavel Arefiev

VIOLINO II

Paula Carneiro

VIOLA

Pedro Muñoz

VIOLONCELO

Irene Lima

CONTRABAIXO

Pedro Wallenstein

FLAUTA

Nuno Ivo Cruz + Piccolo

OBOÉ

Luiz Pérez + Corne inglês

CLARINETE

Francisco Ribeiro

FAGOTE

David Harrison

TROMPA

Luís Vieira

HARPA

Carmen Cardeal

TÍMPANOS

Elizabeth Davis

*Reforços

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Vargas *Presidente*

Sandra Simões *Vogal*

Samuel Rego *Vogal*

Patrick Dickie *Diretor Artístico*

Mafalda Gouveia *Adjunta*

DIREÇÃO DE ESPETÁCULOS

Nuno Pólvora *Diretor*

Margarida Clode *Adjunta para os*

Assuntos da Orquestra

Celeste Patarra *Coordenadora OSP*

João Carlos Andrade *Coordenador*
Coro

Jerónimo Fonseca *Apoio OSP*

Maria Beatriz Loureiro *Apoio OSP*

Nuno Guimarães *Apoio OSP*

Susana Santos *Secretária do Coro*

Paula Coelho da Silva *Coordenadora*

Pesquisa e Documentação Musical

Alessandra Toffolutti *Coordenadora*

Programação e Contratação de Artistas

João Paulo Santos *Diretor Estudos*

Musicais

Bernardo Azevedo Gomes *Diretor*
de Cena

Álvaro Santos *Direção de Cena*

Ana Paula Simaria *Costura*

Florbelá Jesus *Costura*

Maria José Santos *Costura*

Maria Manuela Garcia *Costura*

DIREÇÃO DE PROMOÇÃO E MEDIA

Raquel Maló Almeida *Diretora*

Bruno Frango

Inês Rodrigues Correia

João Duarte Mendonça

Jorge Rodrigues

Margarida Macedo de Sousa

18 + 19 Maio

Os Planetas

Uma Odisseia em HD



Orquestra
Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
NANIGATOR

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA
ANSELMO
1911

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA CASA

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN
BPI

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

500 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Maio 2018

